

ÍNDICE

Uma Espécie de Prefácio.....	11
Aviso aos Eventuais Leitores	15
A Partida.....	17
Na Cidade.....	23
Fotos	
O Mundo do Trabalho	35
Do Namoro ao Casamento.....	45
O Serviço Militar.....	53
Como foram os jovens da geração do miúdo parar à Guerra Colonial (61/74).....	141
De Novo Bancário, com uma Revolução pelo meio... ..	197
A experiência autárquica, um novo desafio.....	221
A vida e a morte	231
Epílogo (breve) e Epitáfio (antecipado)	241

UMA ESPÉCIE DE PREFÁCIO

I. Tenho muita honra em aceitar o desafio que me foi endereçado pelo meu amigo, e referência autárquica maior, António Anastácio para prefaciar a obra: “O Miúdo – Relatos de uma vida marcada pela Guerra Colonial e pela Revolução de Abril” de sua autoria.

Antes de passarmos a alguns episódios retratados no texto e que, pelo menos em meu entendimento, são merecedores de destaque, não posso eu próprio deixar de retratar, a propósito de prefaciar textos, uma ideia que li, num dos meus episódios de “vadiagem intelectual” relativos a leituras de organização razoavelmente anárquica. Ora, num livro que tive oportunidade de ler, o Autor do prefácio, inicia o seu texto como um mantra sobre a escrita de prefácios. Segundo aquele Autor, o prefácio é um dos maiores desafios que alguém pode enfrentar, uma vez que, por um lado, um bom prefácio não salva um mau livro – o que não é o caso nem destas linhas, nem deste livro – e, por outro lado, um mau prefácio mancha, certamente, um bom livro. Na ótica desse Autor, e porque no fundo o prefácio não acrescenta nada à obra, ao prefácio deve, apenas, ser aposto o limite de não ser muito extenso, e de não ser um texto excessivamente laudatório.

É a essa árdua tarefa que vou dedicar as próximas linhas, não porque tenha especial apetência para escrever textos sintéticos, mas porque pretendo não manchar os episódios narrados nos capítulos desta obra. O Autor da obra que aqui se prefacia é um amigo que tenho, mas também uma das poucas referências – curiosamente, todas elas de partidos e ideologias distintas entre si – que tenho relativamente à arte de fazer política local.

II. Não exagero se disser que conheço António Anastácio desde que me conheço como gente, acompanhei muitas das vitórias que

retrata no Capítulo intitulado “*A Experiência Autárquica*” ainda que, na pele de parte dos derrotados, mas falar de António Anastácio é falar de Charneca de Caparica, e falar de Charneca de Caparica, é falar de António Anastácio, reconhecimento que é transversal a todas as forças políticas e à generalidade da população que serviu. Acresce que, a vida de um homem conta-se inteira, com as vitórias, com as derrotas, com os sonhos, com os pesadelos, com os amores e com os desamores, e creio que este livro conta uma história, também ela, inteira.

António Anastácio, governou uma freguesia num tempo de especial dificuldade, nuns casos sem maioria, noutros acordando pontualmente soluções e, noutros ainda, com maioria absoluta, mas sempre sob a bandeira de um Partido diferente daquele que governava o Município, o que num tempo de insipiente autonomia das freguesias e de magras competências e orçamento, se revelava, no mínimo, desafiante. Àquela época, o Autor destas linhas dava os primeiros passos na vida, mas acima de tudo, moldava aquele que viria a ser o seu pensamento político, passando mais tempo em sedes partidárias do que em parques infantis, ou noutro tipo de actividades próprias da sua idade. Para o Autor destas linhas, com a simplicidade que a idade encerrava, António Anastácio era um adversário imbatível. Na força política que me viu crescer, todos aqueles que o ousaram enfrentar, saíram derrotados, mas todos eles viram lealdade, frontalidade e dedicação em António Anastácio. No fundo, só não ficou amigo daqueles que com ele não quiseram criar amizade.

A postura de um vencedor é mais relevante, do que a de um derrotado, porque o vencedor que sabe ser merecedor de confiança da maioria da população, corre o risco de deitar janela fora os seus compromissos, ou permitir que aquela vitória lhe tolde o raciocínio e ação governativa, ou o faça cair numa arrogância incompatível com as funções desempenhadas, enquanto ao derrotado cumpre, apenas e só esperar, pelo erro, pela sorte, por tudo e por nada. Saber ganhar era uma das grandes qualidades do Anastácio Político. Nunca o vi com uma má palavra para um adversário, nem com falta de retidão e de verdade, nunca o vi ser desleal, nem atacar um adver-

sário político. A ética é, acima de tudo, uma virtude e no Anastácio, como sempre a ele me referi, um imperativo de ação.

III. Mas a história autárquica de António Anastácio não se subsume apenas em vitórias, quem olha hoje para a Freguesia que governou não a imagina no início dos anos 90, onde o saneamento básico não tinha cobertura total, onde os transportes eram uma raridade e uma absoluta insuficiência, onde as ruas pareciam caminhos como aqueles que, nos seus tempos de serviço militar obrigatório e de Ultramar, encontrou, mas também um território que sangrava em tantas construções ilegais. Numa palavra, no início dos anos 90 a Charneca da Caparica, tinha um grande território desordenado, com poucas infraestruturas, com centralidades dispersas, uma ineficiente rede de transportes públicos, e com assimetrias que, nalguns casos, ainda hoje se verificam.

Na verdade, actualmente, ainda se relembra António Anastácio como o Presidente que melhor o soube ser, e isso percebe-se sempre que temos a felicidade de nos encontrar. No curto período que desempenhei funções na minha freguesia, anotei muitos dos seus conselhos, das suas dicas, da sua forma de fazer política. Notei, também, a dificuldade que tínhamos em conversar sem que se fizesse sentir o intenso e genuíno carinho da população que teve a oportunidade de servir, com a saudade que os grandes homens deixam, mas acima de tudo, com a gratidão e reconhecimento que só o nosso Povo sabe sentir. Da minha parte, sempre percebi que, no fundo, são essas as mais importantes medalhas de quem faz política local.

IV. O livro que aqui se prefacia é uma obra necessária, em primeiro lugar porque muitos dos episódios narrados, representam uma criança que, pelo menos aos seus olhos, nunca deixou de o ser, em segundo porque permitem olhar com abrangência para a história de muitos miúdos que hoje se encontram na casa dos 70 e 80 e a quem muito deve este país.

Nos períodos mais tensos da pandemia, em que perdemos muitos membros dessa geração, não raramente pensava em como perdíamos um capital de sabedoria insubstituível, em como perdíamos

memórias que deviam ser contadas, que deviam ficar registadas, que deviam ser lidas, que deviam ser partilhadas. Não é apenas a história de um homem que se conta inteira, mas também a de um povo que deu novos mundos ao mundo e que nem sempre soube lidar com a importância que teve para o mundo que hoje conhecemos.

É preciso que se relate, na primeira pessoa, ou por intermédio de um narrador, o que se passou no Portugal do Século XX, que se explicita, vivamente, o que foi o Ultramar, o que foram os anos do silêncio e da repressão, o que foi o despertar da liberdade e o brotar da democracia por quem viveu todos esses momentos na sua juventude ou começo de idade adulta.

V. Eram muitas as dificuldades – muitas delas recorrentes ainda nos dias de hoje – de quem chegava a Lisboa em busca de uma vida melhor. A cidade, esconde na sua beleza, as dificuldades a quem chega à procura daquilo que, infelizmente, a sua terra não proporciona, por isso o capítulo “*Na Cidade*” é também ele um manual do que pode esperar quem muda de cidade, com muitos sonhos e poucas certezas. A dificuldade de entrada numa cidade grande, do Portugal que é, ainda hoje, muito distante entre si, com diferenças assinaláveis, e preconceitos inexplicáveis são ratados em linhas que, de tão fácil leitura, parecem ter sido vividas há poucos dias.

No fundo, este texto, é um texto sobre a vida, e sobre um homem que nunca esqueceu a sua criança interior, que viveu rodeado de feitos e de história a acontecer, de episódios bonitos e dolorosos. É uma história de superação e permanente batalha, de um vencedor, que nem sempre venceu, mas sempre soube como dar a volta às agruras e desafios que a vida lhe trouxe.

Da minha parte, é um grande orgulho escrever estas singelas linhas de homenagem, de amizade, mas, e acima de tudo, de agradecimento, pelo que deu à nossa Terra, às nossas gentes, pelos ensinamentos que me passou, e pelo exemplo a que gostei de recorrer na minha breve passagem por funções autárquicas.

Simão Pedro Mendes de Sousa

Charneca da Caparica, 14 de novembro de 2022

AVISO AOS EVENTUAIS LEITORES

Fique claro que este livro não constitui uma Biografia...

É apenas um relato, por interposto narrador, de experiências da vida de um miúdo, arrancado bem cedo à família e à terra natal, para dar continuidade aos seus estudos em Lisboa.

São, segundo ele, as situações mais marcantes, expostas quase totalmente de memória e numa perspectiva pessoal dos factos, sujeita por isso a erros ou equívocos que os muitos anos, já passados sobre grande parte dos factos, possam ter causado.

Sem papéis para reconstruir e, se necessário, corrigir as memórias, a história, mais as estórias que lhes acrescentou, sabe o miúdo a que magias e artifícios é a memória capaz de recorrer, enganando-se e enganando-nos...

Como sabe também que o passado, apesar de passado, não é estável, nem está fixo, apesar de tudo o que nos possa fazer crer na imutabilidade do que lembramos, do que “vimos, ouvimos e lemos”.

Daí que tudo o que deixou dito poderá ser contraditado ou confrontado com versões diversas, quer por parte de outros intervenientes nos episódios, quer, mesmo, pelos eventuais leitores.

Tudo o que se segue aconteceu... tudo o que foi dito está transcrito, excepto o que, pela sua natureza, ou melindre, não podia ser dito, nem escrito...

Este livro é uma herança do miúdo, gerada pela certeza da finitude da vida, querendo deixar como legado o lema da sua própria vida: andar sempre de costas direitas e de cabeça levantada...

O narrador

A PARTIDA

O ano era o de 1957 e aqueles os últimos dias do mês de Setembro. Uma manhã de segunda-feira que trazia já consigo, bem nítido, o frescor das madrugadas de Outono. *Cucciolos, zundapps* e outras traquitanas motorizadas semelhantes, que então, a pouco e pouco, vinham tomando o lugar das bicicletas a pedais, faziam já ouvir o ruído característico e irritante dos seus motores, acordando o dia no transporte dos seus proprietários para o trabalho nos campos, nas fábricas e oficinas da vila.

Perto, num pequeno largo, estava a taberna, que, em Novembro do ano anterior, o seu pai tomara de trespasse, mas que, apesar disso, continuava a ser referida como taberna do Facão, alcunha do anterior proprietário, Manuel Ferreira Flora, nome que poucos deveriam conhecer.

Como era uso, no início de cada semana de trabalho, juntavam-se naquele local, frente à taberna, dezenas de operários e de trabalhadores rurais, alguns transportando as suas ferramentas, ferros de descarna, enxadas ou outras. Ali ofereciam, quase como que num mercado de escravos, de tempos passados, a sua mão de obra, procurando ou esmolando trabalho, esperando que mestres, capatazes ou patrões os escolhessem. Em casa havia bocas para sustentar...

Apesar do seu carácter arcaico, muitas vezes, acompanhada de violência verbal, por parte de alguns empregadores, atentatória da dignidade dos que procuravam trabalho, cujas necessidades geralmente os acobardavam e impediam de dar respostas adequadas aos que, daquele modo, os apoucavam, era uma forma de contacto mais humanizada do que aquela que, mais tarde, passou a fazer-se em Centros de Emprego.

Ali, cara a cara, estavam empregadores e quem procurava trabalho. Ali se negociavam, de palavra, as condições de trabalho e de paga da jorna para a semana que começava, ou apenas para um ou outro dia. Ali, para os mais conceituados ou mais capazes, não faltava trabalho.

Outros, porque menos produtivos, menos competentes, mais refilões, maiores consumidores de vinho, ou portadores de qualquer defeito, real ou imaginário, ouviam, de viva voz, dos contratadores os motivos da sua rejeição e de lhes negarem o ganha-pão. Invariavelmente, esses rejeitados acabavam encostados ao balcão da taberna do Facão, cujas portas abriam bem cedo, ali afogando as suas mágoas em aguardente ou ginja, que tinha fama de ser boa, gastando as poucas moedas que lhes restavam.

Na véspera, o miúdo andara por toda a pequena vila a despedir-se dos mais velhos da família, avós, tios-avós, padrinhos, tias e tios. Ainda tinha nos ouvidos o eco dos beijos da sua tia-avó Angelina, repenicados e dados em rajada, como só ela sabia fazer e, geralmente, seguidos de um ai toino, numa espécie de gemido que sempre lhe pareceu estranho e sem razão. Dos bons conselhos do padrinho Caldeira e da madrinha Perpétua, católicos fervorosos, que ele muito prezava, pouco retivera.

À noite juntara-se com os seus mais dilectos amigos, o Nuno “Mokuna” e o António “Lôba”. Isto de alcunhas era coisa bem corrente na terra. Cada um tinha a sua, às vezes mais que uma. Ele próprio, umas vezes era o “Buzina”, outras o “Mix”, diminutivo de Tomix, nome de um famoso artista e herói dos filmes de *cowboys*, alcunha cuja razão ele nunca percebera porque alguém lha pusera. Logo a ele, que nem nunca vira um filme do seu homónimo *cowboy*! Talvez por o terem como um pouco destravado... Como é que ele ia saber...

Era uma noite estrelada (como o céu de estrelas era bonito nas pequenas vilas pouco iluminadas...) e foram sentar-se no muro ao canto da casa da D. Leonor do Afonso. Um local recolhido do vento norte e, de tão soalheiro, poiso frequente das vizinhas que ali se juntavam nos dias mais frios, falando da vida, falando dos seus homens

e dos seus filhos, chalaceando enquanto iam bordando, fazendo malha, pondo fundilhos e joelhos em calças velhas e desbotadas, passajando meias...

Ali estavam os três, de olhos postos naquele luzeiro de estrelas, que compunha o cenário para que ele se despedisse dos amigos de brincadeiras, de zaragatas, de correrias, de jogos e de tudo o mais que enchia as horas de rua dos miúdos, filhos de famílias com poucos recursos. O miúdo, esse olhava para aquelas estrelas, as suas estrelas, como se nunca mais as fosse ver, como se não existissem noutra qualquer lugar.

Os amigos repetiam-lhe o gesto, irmanados no mesmo sentimento de perda, como se também fossem partir no dia seguinte. Naqueles tempos eram assim os amigos, mais dados à partilha... Quantas vezes não partilhara ele com o “Mokuna”, antes mesmo de ele ter adquirido a alcunha, ambos sentados no chão da cozinha da Ana Feitora, avó Inha para ele, um prato de sopa acabada de fazer, que esta lhes dava e que eles rapidamente comiam.

Agora, já madrugada, naquela esquina da praça principal, onde, de dia, uma velha senhora montava banca, vendendo tremoços, pevides e, por vezes, bolos e biscoitos caseiros, esperava o transporte que o levaria para Lisboa. Era chegado o momento... Encolhido, ensonado, transido de frio e de medo, o miúdo tremeu ainda mais quando ouviu, ao fundo da ladeira, o ruído do esforço da camioneta de carga subindo até à praça da Vila, onde, com o pai a seu lado, esperava a consumação da sua inevitável mudança para a grande cidade.

Nem o facto de conhecer bem o Fernando Marinha, motorista da camioneta e irmão de leite da sua mãe, bem como o Estrela, seu ajudante, nada minorava o seu desconforto e ansiedade face ao desconhecido que o esperava, para mais sabendo que só pelo Natal voltaria a estar com a mãe e restante família. Naqueles instantes, as imagens dos seus dias felizes, passaram-lhe pela mente, fugazes mas nítidas, como que um filme em reprodução acelerada.

Angustiado, questionava-se como iria ele passar sem os seus amigos, sem os jogos de futebol no campo do Atlético, onde por vezes entravam, esgueirando-se pela janelinha, pouco mais que uma

fresta, que servia de bilheteira, ou no casqueiro do Mota, onde, no fim dos jogos, ganhando ou perdendo, eram sempre corridos à pedrada pelos miúdos da zona, seus rivais, ou no terreno, conhecido por praça de touros, por, em tempos, naquele espaço improvisado, se terem organizado algumas touradas?

Como sobreviveria ele sem as corridas ao desafio à volta do quarteirão, sem os jogos de stick, sem os jogos do peão, sem as fogueiras pelos Santos Populares, feitas de alecrim e de alfazema, colhidos nas redondezas pelos miúdos, como parte da festa, sem a caça aos piri-lamos (caga-lumes ou salacuzes na linguagem local) nas noites quentes de verão, e sem todas as demais brincadeiras e jogos que, no seu tempo próprio, na sua estação, preenchem os seus dias?

E aquele som grave, cavo e ritmado, que sempre se repercutia por toda a vila, enchendo os dias, causado pelos pesados maços de madeira, representados no Brasão do Concelho, que eram accionados por operários dos curtumes, num duro trabalho, à volta de bancas, encimadas por um grosso tampo de pedra escura, sobre elas batendo os couros, já na parte final do processo da sua curtimenta, para lhes dar mais dureza e resistência. E o som das sirenes de algumas fábricas, marcando o início, interrupção e fim das jornadas de trabalho. Sons, todos tão comuns na época, mas que davam à Vila uma identidade sonora única... Será que voltaria a ouvi-los?

Que 1.º de Dezembro seria o seu próximo, e todos os futuros, sem o acordar ao som da tuba, ou do bombardino, do Sr. Isidro, distinto carpinteiro de profissão e músico amador, mais do pequeno grupo que, com outros instrumentos, o acompanhavam, rompendo a madrugada desses dias, tocando os hinos da Maria da Fonte, da Restauração e a Portuguesa, assim celebrando o ano de 1640, quando se deu a Restauração da Independência de Portugal, perdida em 1580?

Para ele e demais crianças do povo era uma manhã de festa, mesmo que ainda não lhe entendessem por completo o seu significado...

Como iria o miúdo prescindir das picardias diárias com a sua irmã, uns anos mais velha, e das conversas com o seu pai. Exceptuan-

do as brincadeiras com os amigos, este era o melhor momento do dia, quando o pai se deitava, cedo como de costume, e gostava de o chamar, para, sentado junto a ele, ao lado da cama, iniciarem conversas sérias, como se fossem de homem para homem, sobre a vida e a forma de estar nela, ajudando-o a modelar a sua personalidade, ensinando-o a crescer como pessoa respeitadora, de bem e honesto...

Chegou mesmo a pensar que iria ter saudades das noites de trabalho a picar as carnes para os enchidos da salsicharia, que os pais possuíam, e das tarefas que exercia na taberna, apesar da sua pouca idade e de serem feitas com prejuízo dos jogos de futebol com os amigos, actividade de que tanto gostava...

Tempos depois, em mais um retorno à cidade após férias, noutra madrugada e naquela mesma esquina, de má memória, onde esperava pela boleia na camioneta de carga, o miúdo havia de chorar lágrimas amargas e silenciosas, quando o seu pai lhe anunciou que o médico diagnosticara um cancro à sua avó materna e que o tempo veio a demonstrar que não existia...